

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinema Experimental Português: O Cinema dos Artistas, Anos 60 e 70
Programa Ana Hatherly – 2
7 de Novembro de 2025

REVOLUÇÃO / 1975-2001

Realização, Fotografia e Produção: Ana Hatherly / **Direcção de Som:** Alexandre Gonçalves / Montagem da versão de 2009: **Cópia:** digital, da Cinemateca Portuguesa, originalmente filmado em Super 8mm, cor, som / **Duração:** 11 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** Abril de 1984, Ciclo “25 de Abril, Imagens”.

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I / 1976-2009

Realização e Montagem: Ana Hatherly / **Comentário:** J. Dias de Deus / **Direcção de Som (1976):** Alexandre Gonçalves / **Sonoplastia desta versão de 2009:** Vítor Milhanas / **Montagem da versão de 2009:** Luís Alves de Matos / **Produtor:** António Malheiro Dias / **Colaboração:** Cinequipa / **Cópia:** digital, da Cinemateca Portuguesa, preto e branco, som / **Duração:** 16 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – II / 1976-2009

Realização e Montagem: Ana Hatherly / **Comentário:** J. Dias de Deus / **Direcção de Som (1976):** Alexandre Gonçalves / **Sonoplastia da versão de 2009:** Vítor Milhanas / **Montagem da versão de 2009:** Luís Alves de Matos / **Produção:** Direcção Geral da Educação Permanente (Ministério da Educação) / **Produtor:** António Malheiro Dias / **Colaboração:** Cinequipa / **Cópia:** digital, da Cinemateca Portuguesa, preto e branco, som / **Duração:** 12 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** 26 de Julho de 2013, Sessão Ana Hatherly.

ROTURA / 1977-2007

Realização e Produção: Ana Hatherly / **Fotografia:** José Luís Carvalhosa / **Sonoplastia da versão de 2007:** Vítor Milhanas / **Montagem da versão de 2007:** Luís Alves de Matos / **Cópia:** digital, da Cinemateca Portuguesa, preto e branco, som / **Duração:** 16 minutos / Filme apoiado pelo IPC / **Primeira exibição na Cinemateca:** 26 de Julho de 2013, Sessão Ana Hatherly.

filmes de Ana Hatherly

Duração total da projecção: 55 minutos

com a presença de Luís Alves de Matos

Ana Hatherly poderá ser descrita como uma criadora em permanente derivação: uma escritora que derivou para as artes visuais através de uma experimentação constante com a palavra, e uma pintora que derivou para a literatura através dessa mesma experimentação. Elemento activo do grupo da Poesia Experimental Portuguesa dos anos 60, autora e tradutora de inúmeras obras literárias que atravessam a poesia visual, o romance ou o ensaio, pintora, investigadora no domínio da literatura barroca, Ana Hatherly desenvolveu desde o final da década de cinquenta um intenso e multifacetado trabalho criativo que, partindo da escrita, se materializa no desenho, na pintura, ou mesmo na *performance*, assim dissolvendo fronteiras.

Para além do seu vasto trabalho criativo no domínio da literatura e das artes plásticas, Ana Hatherly também se dedicou ao cinema durante algum tempo, coincidindo parte da sua prática cinematográfica com o período revolucionário (após um período de formação e de trabalho no domínio da animação), e sendo o seu filme mais conhecido **Revolução** (1974) e os dois restantes **Diga-me, o que é a Ciência? – I e II**, que Hatherly designava como “operários” e “camponeses”. Todos eles são filmes manifestamente exploratórios que evocam a experimentação constante que atravessou toda a obra de Ana Hatherly que, estendendo-se aos mais variados domínios e suportes, inclui assim o próprio cinema, mas são ainda três títulos que, como nos referiu a artista numa conversa que tivemos em 2013, participam de uma mesma vontade de “dar a voz ao povo”.

Uma necessidade que se tornava particularmente urgente dado um silenciamento associado a muitos anos de ditadura, e que no filme **Revolução** testemunhamos através do registo das palavras de ordem pintadas nas paredes, mas também da portentosa montagem sonora dos discursos, das canções e dos *slogans* entoados pelas multidões. Mas o mesmo “dar voz ao povo” é explicitamente enunciado nas duas partes do díptico **Diga-me, o que é a Ciência?**. Dois filmes que sobressaem pela simplicidade do seu método interrogativo e pela insistência em ouvir os seus protagonistas, que foram encomendados pela Direcção Geral da Educação Permanente e que Hatherly concebeu como objectos extremamente singulares. Ambos partem de duas perguntas insistentemente formuladas pela voz da própria autora, cujo corpo se esconde atrás da câmara: “o que é a ciência?”; “o que é a técnica?”. Em alternativa ao dirigismo de uma voz *off*, tão presente em tantos filmes desse período revolucionário e que dominava grande parte das actualidades e do cinema documental anterior à revolução, Hatherly trabalha aqui quase exclusivamente ao nível dos depoimentos captados em directo, com os quais dialoga de modo exemplar.

É impressionante como são muitos os que resistem na resposta, invocando que quem deve responder é a interlocutora e revelando a estranheza em aceitar participar nessa nova forma de circulação da palavra, não obstante as dificuldades que lhes colocam as duas questões. Hatherly obstina-se e insiste e, com frequência, as respostas são verdadeiramente espantosas. É o caso do testemunho de um jovem trabalhador entrevistado nos estaleiros da Lisnave em **Diga-me, o que é a Ciência? – II**, ou de uma mulher que depois mostra as mãos, filmadas com insistência pela realizadora. Imagens fortes e raras no cinema português.

Rotura é exemplificativo de uma postura experimentalista em que o processo não se distingue da obra. Esta é a própria aceção da prática performativa e **Rotura** é simultaneamente uma *performance* que Hatherly realizou na Galeria Quadrum em Lisboa em 1977 e este filme que a regista. O filme mostra o confronto da artista com grandes suportes de papel, os quais são rasgados e fendidos de modo enérgico, o que se traduz fortemente na intensidade do som. **Rotura** integra assim plenamente a componente revolucionária dos filmes anteriores e o seu desejo violento de mudança, que aqui se estende necessariamente ao campo da arte.

Conhecendo duas versões, a mais recente data de 2007 e foi montada por Hatherly com Luís Alves de Matos (realizador seu amigo e autor do documentário **Ana Hatherly – A Mão Inteligente**, 2002) e o trabalho de som coube a Vítor Milhanas, que concebeu toda uma nova banda sonora. São eles, na realidade, os responsáveis pela montagem e sonoplastia das novas versões dos três últimos filmes da sessão, cujas cópias a

Cinemateca refez com toda a qualidade, com base nos materiais originais, tendo Alves de Matos colaborado também na produção desta segunda versão de **Revolução**.

À semelhança do que aconteceu com **Revolução**, a remontagem dos outros filmes resultou sobretudo de um desejo de transfiguração sonora e de uma rejeição de tudo o que era supérfluo, mas no caso de **Rotura** tal torna-se bastante acentuado. A sua mais longa duração (passou de 6 para 16 minutos) e um apurado trabalho de som, em que desaparece a música, se repetem os mesmos gestos, e se acentua a violência do som do rasgar do papel, que é introduzido por um batimento cardíaco, contribui para uma maior densidade e força do filme e para uma mais clara conexão com espírito da *performance* que regista. A economia e o rigor são duas componentes essenciais do trabalho de Hatherly, e foi esse mesmo rigor que ditou o seu regresso a tão admiráveis filmes tantos anos depois, cujos resultados podemos agora mostrar e comparar.

Joana Ascensão